

# ENCARTE PEDAGÓGICO

## QUANDO O SABIÁ CANTA, NOSSOS MALES ESPANTA

(Série “Provérbios Brasileiros”)

Fátima Miguez / Ilustrações: André Neves

**Assuntos:** Cultura popular, ação do homem na natureza

**Interdisciplinaridade:** Língua Portuguesa, Geografia

**Temas Transversais:** Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo

**Indicação:** A partir do 1º ciclo do ensino fundamental

32 pp. / 21 X 27 cm / ISBN 85-7338-762-9

A literatura oral inaugura a história da humanidade, sendo transmitida de boca em boca pelos contadores de histórias, narradores anônimos porta-vozes de uma herança inesgotável. O ato de contar histórias ao redor da fogueira aqueceu o imaginário dos povos mais remotos, trazendo à luz um repertório de lendas, de cânticos, de adivinhações, de provérbios e outras manifestações orais de natureza coletiva. Esse acervo tradicional pertence à infância de cada um e é comum à infância de todos, numa trajetória memorialística da oralidade. O registro escrito desse material legitima essa literatura, perpetuando seu conteúdo oral sob a forma literária. O livro infantil reúne hoje o que a narrativa oral contemplou no passado. A palavra é o instrumento de identificação entre as duas linguagens, a oral e a escrita. Transformar essa experiência oral em literatura é permitir às crianças de todas as gerações o acesso a um conteúdo humano indispensável à sua formação como sujeito cultural.

Essa transformação é um dos objetivos da série “Provérbios Brasileiros”. Os provérbios pertencem ao imaginário popular por representarem os regulamentos sociais do povo, como uma filosofia popular, expressa por meio de símbolos, de combinações poéticas. São ditos populares muito sutis, que contêm uma advertência e são de fácil memorização. A literatura é uma das fontes de divulgação desse saber folclórico.

O registro literário desse acervo possibilita uma visão lúdica de um conhecimento cristalizado pela tradição. Rever, portanto, tais provérbios por meio da literatura é penetrar nas raízes da sabedoria popular, revigorando os seus significados.

Uma das orientações estruturais de cada volume da série é a seleção de provérbios brasileiros interligados por uma associação de idéias. Agrupados num desdobramento temático, de natureza crítica, os provérbios estimulam a reflexão e a formação de um repertório folclórico pelo leitor.

A série pretende, portanto, dar nova roupagem aos nossos provérbios, por meio da palavra literariamente trabalhada e da imagem esteticamente organizada. É a palavra e a imagem na parceria da criação, desenvolvendo a sensibilidade e o gosto pela arte, na tentativa de formar leitores mais completos.

O segundo volume da série – *Quando o Sabiá canta, nossos males espanta* – reúne vinte e um provérbios inseridos no



texto, que narra a história de dois reinos diferentes: o reino do Aqui e o reino do Lá. Quem canta e conta essa fábula nacional é um sabiá, ave-mensageira dos reinos assinalados. Sabemos que o sabiá é um representante simbólico da terra natal, na poética do exílio romântico, e, no contexto moderno, ponto de partida para um desmascaramento da cena nacional. É o porta-voz da realidade brasileira que vai desvendar os segredos do reino Aqui e do reino Lá. Como diz o poeta modernista Manuel Bandeira: “Aqui eu não sou feliz / Lá a existência é uma aventura”. É nessa fronteira entre o Aqui e o Lá que o sabiá vai assobiar o seu canto de brasilidade.

Revisitando a poética do Romantismo brasileiro e tendo como texto matriz a “Canção do Exílio” (1843), de Gonçalves Dias, o texto de Fátima Miguez recupera, num jogo metalingüístico de apropriação e transformação, algumas variantes intertextuais do poema romântico na modernidade.

Consagrado em sua época como o maior poeta nacional, Gonçalves Dias é reconhecidamente o legítimo representante da primeira geração romântica da poesia brasileira. A poesia “Canção

do Exílio" é o carro-chefe centralizador que detém os referenciais caracterizadores do exílio romântico. Texto significativamente revisitado pela modernidade, destaca-se pela sublime simplicidade de seus versos tão famosos.

No poema, o poeta expatriado louva a pátria, no intento de possuí-la, de reencontrá-la na grandeza de seus versos, conforme podemos ler em: "Minha terra tem palmeiras, / Onde canta o Sabiá. / As aves que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá"<sup>92</sup>.

Esses versos iniciais são de grande importância na estruturação estética do poema, refrão no exílio romântico, eles marcam a musicalidade da canção.

O verbo "ter", como indicativo de posse, aliado ao substantivo palmeiras, denota um "ter" natural em oposição ao "ter" artificial do mundo capitalista. O "ter" romântico representa a pátria com os atributos naturais que ecoam da natureza, num harmonioso canto de brasilidade.

Palmeira é a designação das árvores da família das palmáceas, tipicamente tropical, que se caracteriza pelo elevado tamanho no sentido vertical. A palmeira foi um signo muito utilizado pelos poetas românticos na marca da natureza brasileira. O Brasil é identificado como o país das palmeiras, pindorama.

Na tópica romântica gonçalvina, o termo "palmeira" simboliza, no arrojo de sua verticalidade, a ascensão, a elevação metafísica. É o desafio romântico que se essencializa na ânsia do celestial.

O verbo "cantar" liga-se, no segundo verso, ao sabiá, que, igual ao poeta, possui o dom de cantar. Observa-se que a palavra sabiá é grafada pela maiúscula alegorizante, que concretiza a própria metáfora do Brasil. O sabiá é o símbolo da terra natal, assim como metáfora do poeta na interação pátria/natureza/poeta. Ele também canta no exílio, pois encontra-se na palmeira e não na laranjeira, lugar de origem do sabiá.

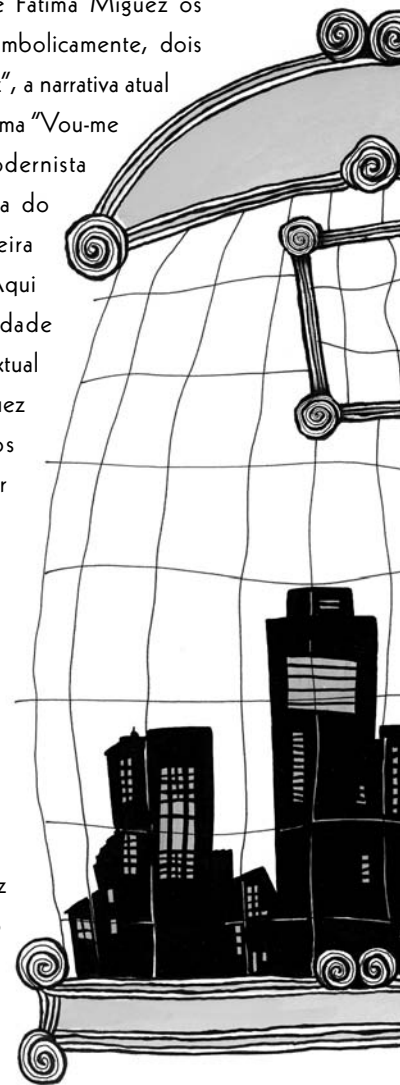
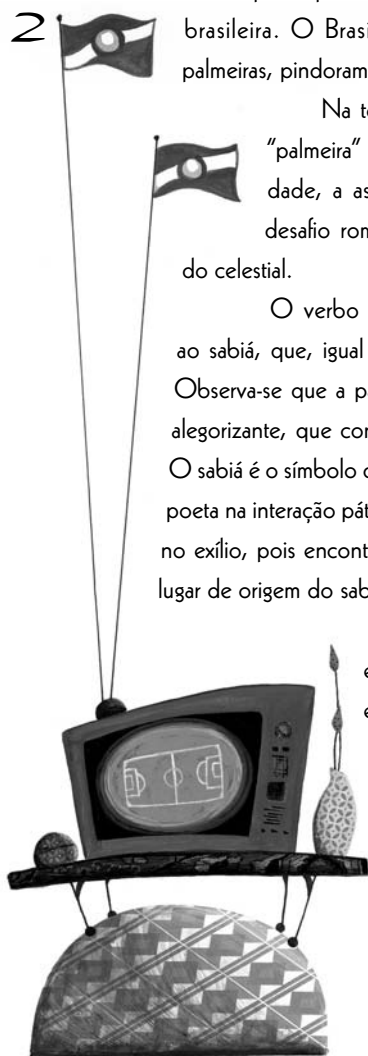
Os advérbios "aqui" e "lá", em suas funções demonstrativas, estão em tensão opositiva. O conflito é marcado por dois pólos: Europa (Aqui, cá) X Brasil (Lá). O advérbio "aqui", que identifica o velho mundo, a terra do exílio, caracte-

riza-se pelo discurso da negação, do estranhamento, da não-identidade do poeta. É o espaço da distopia, do mau lugar, lugar da distorção. É a tópica do expatriamento aparecendo no texto desconstruído. E o "lá" evidencia a afirmação da pátria (Novo Mundo), terra natal do "eu" existencial, como espaço da identidade, da superioridade, da vida melhor, da utopia. É o bom lugar, a pátria-mítica do retorno almejado pelo poeta romântico.

Observamos que no texto de Fátima Miguez os advérbios "aqui" e "lá" representam, simbolicamente, dois reinos distintos. Em Aqui "ninguém é feliz", a narrativa atual articula um diálogo intertextual com o poema "Vou-me embora pra Pasárgada", do poeta modernista Manuel Bandeira. Retomando a tópica do mau lugar do exílio romântico, Bandeira atualiza o destino do infeliz reino do Aqui numa leitura metafórica da dura realidade dos tempos modernos. No jogo intertextual metalingüístico, o reino poético de Miguez instaura o desgoverno como um dos problemas desse lugar "triste de não ter jeito", sinalizando algumas conseqüências dessa dolorosa realidade, como, por exemplo, a fome e o abandono.

Ressalta-se ainda nessa passagem o tema do menor abandonado, que, em vez do brinquedo, tem o canivete, violentando a infância desajudada. Como disse o sociólogo Betinho: "Quem tem fome tem pressa", o ditado popular utilizado no texto de Miguez confirma: "A fome não espera / pelo tempo da fartura. / A realidade nunca dá / o que a imaginação promete...". A fome é uma mácula no Brasil, e nós, brasileiros, precisamos multiplicar ações sociais que revertam a situação de miséria do nosso povo. A questão da fome é urgente e precisa da participação ativa de toda a sociedade. O tratamento literário dado pela narrativa de Miguez a esse tema, tão cheio de "tabus", ajuda o pequeno leitor a construir, pelo imaginário e pela verbalização coletiva desse assunto, uma saída mais humanizada e transformadora.

2



Em oposição a esse lugar de sofrimento, vislumbra-se o espaço do Lá como “a terra das delícias, da esperança”, reinaugurado pela produção poética da escrita contemporânea. Fundeado nas reminiscências líricas da Pasárgada de Bandeira, o “eu” poético de Miguez contempla o eterno desejo do reino onde “a existência é uma aventura”, fundamentado no mito do paraíso perdido, ligado à terra primordial, sempre prometida, mas continuamente longínqua, conforme atestam os versos: “Um canto de volta / a um reino perdido, / presente no coração / daqueles que sabem sonhar...” É a pátria-quimera, lugar de repouso das insatisfações humanas.

A poética do exílio romântico, hospedada na pátria-mítica, firma-se, assim, no sonho do paraíso perdido, conforme verificamos. O mito edênico, diluindo-se no desequilíbrio do século XXI – moderna Babel –, desloca-se com a reflexão da modernidade e assume um novo discurso com inusitadas gesticulações. O canto gonçalvino transforma-se em grito, que desmitifica a pátria, a natureza, numa proposta caótica, ainda que seja de reconstrução, de reencontro.

O canto harmonioso da natureza progressiva romântica desfaz-se no grito dissonante da poesia urbana moderna. O reino absoluto do natural é retificado pela artificialidade das metrópoles, em que a natureza em destruição, substituída pelo progresso material das grandes cidades, é predominantemente marcada pela deformação e ausência. A natureza vai sendo degradada pelo homem-predador do século XXI. Surge o exílio da natureza, cimentada pelo domínio acelerado da civilização técnica.

No livro *Quando o Sabiá canta, nossos males espanta*, o “eu” poético comprova o posicionamento da lírica moderna em relação ao abandono da natureza pelo progresso material. O tom irônico dos versos a seguir denuncia a cotidiana realidade: “Mas palmeiras não há, / sabiá perdeu o seu lugar. / Agora, a mata é cimento armado / tudo apertado, sem espaço para voar...”.

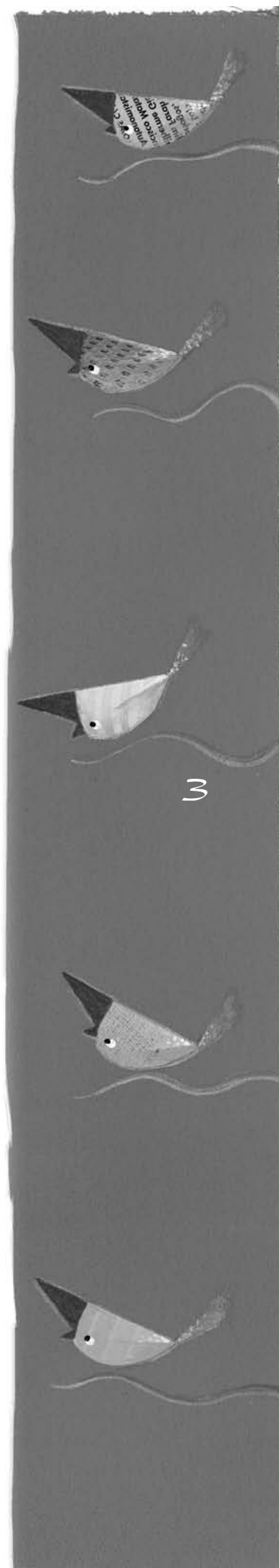
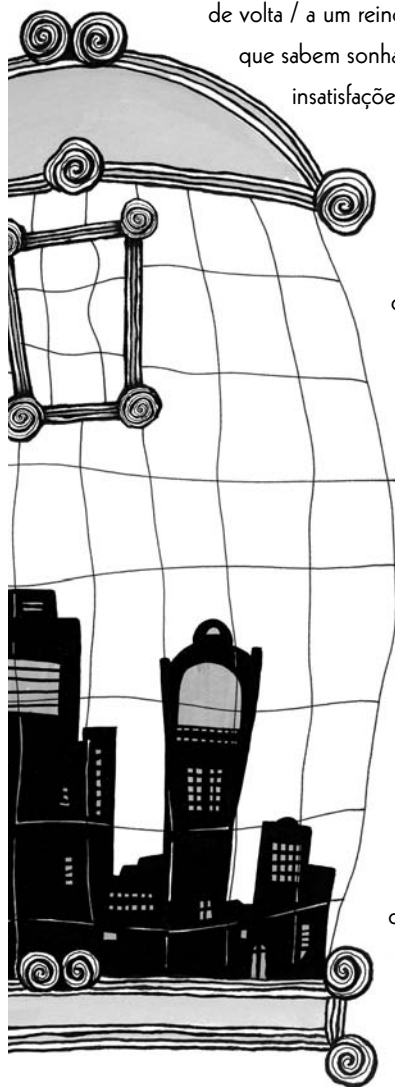
O referencial “palmeira” da poética romântica é transposto para a modernidade. O “ter” natural do romântico é substituído pelo “ter” artificial dos tempos modernos. Representa-se uma descontinuidade intertextual. A natureza abençoada dos românticos violenta-se pelo século XXI.

O sabiá da lira romântica que soltava ternos gorjeios, livre, agora “está preso na gaiola, na loná”, exilado da palmeira e da laranjeira. Os termos “preso” e “gaiola” caracterizam bem a decadência total da natureza. Encarcerado pela plasticidade do mundo atual, o sábio cantor “ressabiado”, em tempos inglórios, já não gorjeia, seu canto emudeceu diante do som metálico da cidade.

Outro mito bastante cultuado no exílio moderno é o futebol. Na desconstrução da pátria-mítica romântica, o referencial “palmeiras”, elemento natural da terra, é assimilado, no desvio da fala parodística moderna, como designativo de um time do futebol paulista. Como exemplo, citamos os versos: “Vê também um círculo gramado, / com arquibancada montada, / uma torcida gritando-sambando: / Olê... Olá... o Palmeiras está botando pra quebrar...”.

Ressalta o poema também uma leitura do carnaval como um mito brasileiro que desvia os sérios problemas nacionais, funcionando como catarse no alívio das tensões, conforme se lê em: “Mas deixa para lá, / deixa falar / o canto do sabiá / no samba do Aqui e do Lá...”.

O futebol e o carnaval constituem, assim, dois mitos identificadores da moderna pátria-Brasil. As mulatas sambistas e os jogadores atletas tornam-se ídolos pela massificadora torcida no delírio do “reinado da folia”.



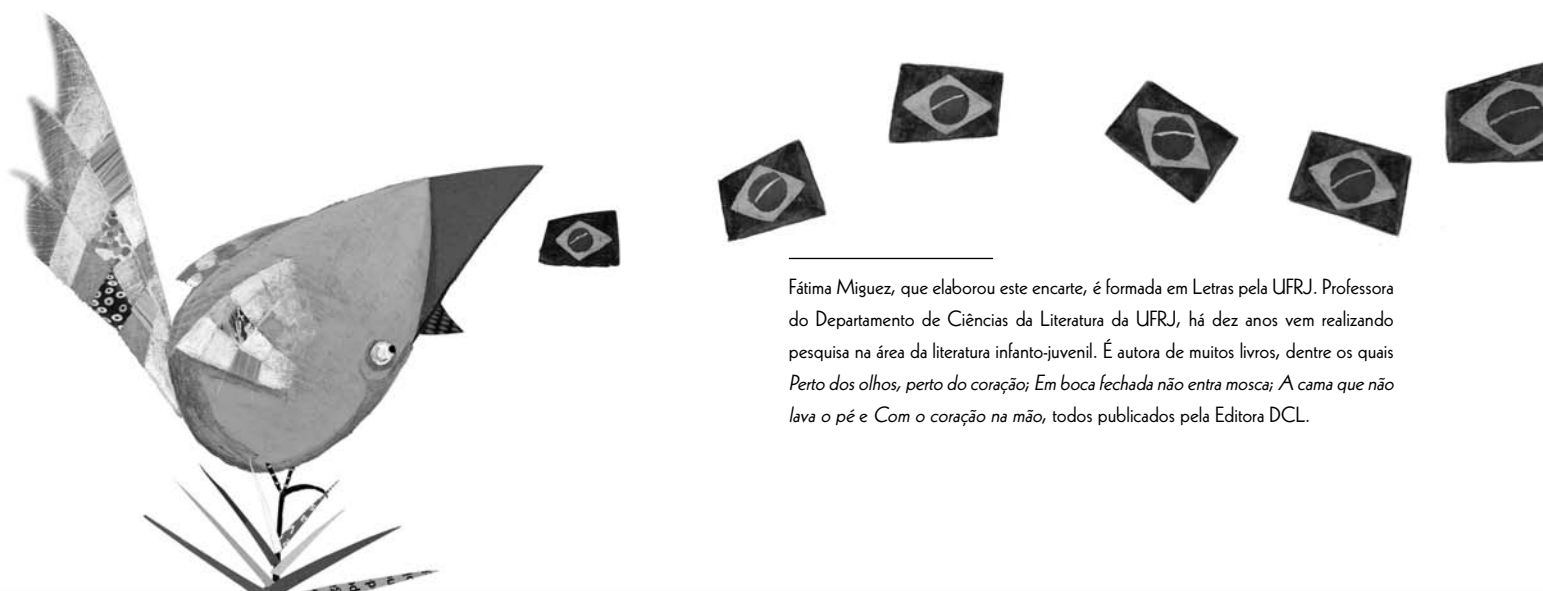
Na travessia do exílio romântico ao exílio moderno, algumas variantes intertextuais da canção matriz, de Gonçalves Dias, merecem destaque pelo processo dinâmico de produção e recepção do conteúdo poético do famoso poema do Romantismo brasileiro. É importante o professor selecionar um *corpus* intertextual, reunindo várias releituras do poema romântico "Canção do Exílio"; numa perspectiva histórica. Vale citar, por exemplo, os seguintes textos: "Canto de regresso à pátria"<sup>3</sup>, de Oswald de Andrade; "Uma canção"<sup>4</sup>, de Mário Quintana; "Canção do exílio"<sup>5</sup>, de Murilo Mendes; "Nova canção do exílio"<sup>6</sup>, de Carlos Drummond de Andrade; "Sabiá"<sup>7</sup>, de Chico Buarque de Holanda; "Marginália II"<sup>8</sup>, de Torquato Neto, e "Jogos florais I e II"<sup>9</sup>, de Antonio Carlos de Brito (Cacaso).

O objetivo do trabalho intertextual é sempre examinar como se constrói o novo texto, observando os processos de assimilação, transformação e integração de elementos alheios na realização da obra nova.

Dialogando com o texto de Miguez, as ilustrações de André Neves acentuam a vivacidade da narrativa, motivando uma pausa criadora de apurados sentidos. Os desenhos do sabiá, por exemplo, conferem movimento, dinamismo visual à travessia poética da ave-símbolo nacional. O sentimento de brasilidade, que gerou o texto literário, é esteticamente enfatizado com sugestivas leituras pictóricas. A grafia manuscrita do poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, por exemplo, na narrativa visual, representa um significativo estímulo ao leitor/escritor. Valorizar a letra cursiva no registro do poema matriz da poética do exílio é uma eficiente escolha de atividade na prática da sala de aula. E, assim, as ilustrações viabilizam caminhos reveladores de leituras, contribuindo não só para diversificar o trabalho na sala de aula, como, principalmente, para formar o olhar estético do leitor em construção.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> BANDEIRA, Manuel. "Vou-me embora pra Pasárgada". In: *Libertinagem/Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 222.
- <sup>2</sup> DIAS, Gonçalves. "Canção do exílio". In: *Poesias Completas*. São Paulo: Saraiva, 1950, p. 47.
- <sup>3</sup> ANDRADE, Oswald de. "Canto de regresso à pátria". In: *Poesias Reunidas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1974, p. 144.
- <sup>4</sup> QUINTANA, Mário. "Uma canção". In: *Apontamentos de História Sobrenatural*. Porto Alegre: Globo, 1984, p. 123.
- <sup>5</sup> MENDES, Murilo. "Canção do exílio". In: *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 5.
- <sup>6</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. "Nova canção do exílio". In: *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1988, p. 117.
- <sup>7</sup> HOLANDA, Chico Buarque de. "Sabiá". In: *Letra e Música 1*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 57.
- <sup>8</sup> NETO, Torquato. Apud: PERRONE, Charles. "Marginália II". In: *Letras e Letras da MPB*. Rio de Janeiro: Elo, 1988, p. 71.
- <sup>9</sup> BRITO, Antonio Carlos de. "Jogos florais I e II". In: *Beijo na Boca e outros Poemas*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 111.



Fátima Miguez, que elaborou este encarte, é formada em Letras pela UFRJ. Professora do Departamento de Ciências da Literatura da UFRJ, há dez anos vem realizando pesquisa na área da literatura infanto-juvenil. É autora de muitos livros, dentre os quais *Perto dos olhos, perto do coração; Em boca fechada não entra mosca; A cama que não lava o pé e Com o coração na mão*, todos publicados pela Editora DCL.